



LINGUAGEM E ENSINO NA ESCOLA PÚBLICA: UM ESTUDO

SOUZA, Antonio Escandiel de²; AVRELLA, Lisandra Hoffmann¹

Resumo

Este artigo tem por finalidade divulgar os resultados alcançados com o projeto “linguagem e ensino na escola pública: um estudo”, ou seja, como a variação linguística vem sendo trabalhada em sala de aula. Buscou-se respaldo teórico nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), Bortoni-Ricardo, entre outros autores que abordam a temática. O Projeto PIBIC, Unicruz através dos pesquisadores, buscou resultados concretos, através de questionários para professores e alunos de três escolas públicas do município de Cruz Alta. Discutiram-se as práticas que estão sendo usadas pelos professores em sala de aula, no que se refere ao trabalho com língua portuguesa, e a visão dos alunos em relação a essas práticas pedagógicas. Os resultados mostram que as práticas pedagógicas desenvolvidas não estão sendo atraentes para os alunos, o que faz com que a maioria dos aprendizes não gostem da disciplina, por considerar que o maior tempo destinado as aulas e com metodologias tradicionais que exigem conhecimentos de regras da norma culta.

Palavras – Chave: Ensino, gramática, variação linguística e leitura.

Introdução

Considerando que o ensino deve objetivar o enriquecimento e a contribuição com o desenvolvimento cognitivo do educando, assim como desenvolver o seu léxico, e ainda que a escola possua a função de auxiliar o educando no uso da língua nas diversas circunstâncias de diálogo e uso, na compreensão da realidade linguística, da estrutura e da funcionalidade da língua, foi-se em busca de dados, e percebeu-se que

¹ Acadêmica do 7º Semestre do Curso de Letras da Universidade de Cruz Alta.

² Professor orientador e coordenador do projeto Pibic.



nem sempre é possível atender as necessidades da língua, e os professores acabam caindo na gramática, não considerando a linguagem.

Diante desta realidade, foram entrevistados alunos e professores e oportunizaram-se discussões e práticas que estão sendo usadas em sala de aula e se estas contemplam a variedade linguística.

A abordagem da diversidade linguística está prevista nos PCNs que, apontam conteúdos, objetivos, questões de ensino e aprendizagem, apresentam sugestões para o trabalho com o uso de “diferentes registros, até mesmo os mais formais da variedade linguística apreciada socialmente, sabendo adequando-os de acordo com as circunstâncias do caso comunicativo de que participa” (PCN, 2001, p.41). E as expectativas são de que o aluno apresente condições para constatar as “regularidades das diferentes variedades do português, reconhecendo os valores sociais nelas implicados” (PCN, 2001, p.52).

A pesquisa teve como objetivo constatar a real situação do ensino público, quanto a que tipo de trabalho está sendo desenvolvido para abordar as variedades da língua no contexto da sala de aula, bem como preparar o professor para a prática crítico-reflexiva, evidenciando aos participantes a importância de um ensino que contemple aspectos culturais, para contribuir com a formação continuada dos professores de LP em ofício no contexto investigado, além das demais escolas públicas, por meio da divulgação dos resultados.

Metodologia e/ou Material e Métodos

O resultado final da pesquisa foi analisado e confrontado com teorias estudadas, o instrumento utilizado foi um questionário para professores e alunos. Nas questões aplicadas aos educandos, procurou-se identificar as práticas pedagógicas e as metodologias que tem maior aceitação, no sentido de sensibilizá-los, além de verificar quais as práticas que vem sendo efetivamente empregadas em sala de aula, no ponto de vista dos alunos.



Para um confronto e uma análise reflexiva, foram aplicadas questões aos professores com a mesma intenção, qual seja identificar práticas pedagógicas e as metodologias usadas em sala de aula, quanto à questão da diversidade linguística.

O questionário para professores abrangeu as seguintes perguntas:

◆ O ensino contemporâneo está voltado à importância da língua de cada sujeito, onde devemos considerá-la, levando em conta a realidade e o contexto deste sujeito. Mas não se pode ignorar a norma culta.

- ☺ Como você, professor, trabalha com estas questões?
- ☺ Como você avalia o avanço de seus alunos?
- ☺ O que você pensa sobre o preconceito linguístico? E o que faz para evitá-lo?
- ☺ Quando seus alunos usam expressões em desacordo com a norma culta, como você reage? Você corrige de que forma?
- ☺ Como você trabalha com a gramática na sala de aula?
- ☺ Você prioriza o trabalho com a nomenclatura gramatical ou com a leitura e a produção de textos? Por quê?

O questionário para alunos abrangeu as seguintes perguntas:

- ☺ Você gosta das aulas de Língua Portuguesa? Por quê?
- ☺ Você acha que realmente aprende com as aulas de Língua Portuguesa? Por quê?
- ☺ Seu professor costuma corrigir quando você fala "errado"? De que forma ele faz isso?
- ☺ Você gosta de produzir textos? Por quê?
- ☺ Você gosta de estudar as regras de gramática? Por quê?
- ☺ Como você gostaria que fosse sua aula de Língua Portuguesa?

Os questionários foram impressos e as pessoas envolvidas tiveram uma semana para responder ao questionário. Não era obrigado a responder.



Resultados e Discussões

Após a análise e discussão dos resultados, percebeu-se a real situação do ensino de língua portuguesa, ou seja, foi possível perceber que os professores se sentem, às vezes, despreparados e sem tempo para ensinar aos alunos fatos da língua que, aparentemente, são áridos e complexos, de difícil compreensão, não despertando o interesse e a motivação dos mesmos para a disciplina.

Através dos questionários respondidos pelos professores, também foi possível verificar, que todos estão conscientes da importância da língua de cada sujeito, e que devem considerá-la, levando em conta a realidade e o contexto deste sujeito. Mas que não podem ignorar a norma culta. E confessam que é muito difícil equilibrar os dois, pois existe uma lista de conteúdos a ser seguida. Então, acabam priorizando e se detendo ao trabalho com os aspectos formais da língua.

De acordo com as diretrizes curriculares de língua portuguesa, ao professor, não implica o nível em que ensine, cabe estar atento, não só ao conteúdo e à teoria que transmite aos alunos, mas como procede, procurando possibilidades e práticas que atendam à necessidade do aluno. E deve trabalhar com a variação linguística, assumindo como “ponto primordial os conhecimentos linguísticos dos alunos, para promover situações que os incentivem a falar, ou seja, fazer uso da variedade de linguagem que eles empregam em suas relações sociais”. É importante realizar um trabalho que possibilite ao grupo de alunos reconhecer a diversidade linguística da sociedade em que a escola está arraigada, mas especialmente de distinguir a legitimidade das variantes no português brasileiro.

Verificou-se que não existe um critério formal registrado pelo professor quanto à avaliação do avanço dos alunos, em todos os casos. Os professores manifestaram repúdio ao preconceito linguístico, e que tentam mostrar aos alunos que “qualquer fala” deve ser considerada, no seu entendimento. O trabalho com a diversidade linguística, nas aulas de língua portuguesa, procura identificar, muitas vezes, de forma estigmatizada, as variantes do português brasileiro, principalmente, na fala da zona



rural ou “urbana” (BORTONI-RICARDO, 2004), preconizando o “erro” e a oposição língua coloquial/língua padrão, língua falada/língua escrita.

Quanto às expressões em desacordo a norma culta, foi possível identificar, que os professores tentam abordar, por meio de sua própria fala, textos ou outras situações possíveis em sala de aula, a maneira correta.

Alguns professores responderam que procuram trabalhar a gramática de maneira agradável (textos, jornais, músicas,...), mas que nem sempre é possível, caindo na forma isolada. A gramática possui um grande valor, possibilita o domínio da língua, mas não é suficiente para uma atuação verbal eficaz. Conforme Ilari e Basso (1989, p. 234), o professor de línguas não deve fazer “do conhecimento gramatical o único fundamento de sua autoridade”, pois “a língua excede a gramática”.

De acordo com a análise das respostas dos alunos, foi possível perceber que é apenas um reflexo de como as aulas de língua portuguesa são ministradas pelos professores, já acima relatado, pois os alunos não gostam de língua portuguesa porque são muitas regras para decorar. E quanto à produção textual, alguns gostam de produzir, pois é um meio de expressar opiniões, outros já não gostam porque é muito difícil e não sabem o escrever. Acredita-se pelo fato de não serem instigados à leitura e, conseqüentemente, à produção textual.

É necessário que o aluno conheça a gramática e saiba como, quando e onde aplicá-la. O professor deverá oportunizar o aluno a reconhecer seu próprio “erro”, trabalhando com intertexto, e não de forma isolada. A falha é inevitável no vaivém da aprendizagem da língua. O construtivismo piagetiano segue esta temática, sendo o erro fundamental, pois este possibilita ao aluno uma reflexão do que ele fez. Obviamente, que a atuação do professor é de grande importância neste sentido, ele precisa ter uma formação pedagógica sólida para trabalhar desta forma.

Sendo assim, cabe à comunidade escolar oportunizar ao aluno situações onde ele possa desenvolver suas habilidades, valorizando o que esse aluno tem condições de oferecer, e além do mais respeitar suas origens, ou seja, não desprezar a classe dos desfavorecidos. Partindo daí, é possível realizar um trabalho significativo e gratificante tanto para o aluno como para o professor.



Assim, a pesquisa demonstrou que a interação entre acadêmica, alunos e professores em ofícios, é uma ação favorável para a formação continuada, onde ambos tem dados e conhecimentos a compartilhar.

Conclusão

Através deste estudo pode-se perceber a evidência da necessidade de uma reestruturação no ensino de língua portuguesa na escola pública, bem como retomar os valores descritos nos PCNs, que asseguram a importância do trabalho com a diversidade linguística na sala de aula.

Há uma inquietação dos professores em relação às práticas utilizadas em sala de aula e como atender da melhor forma seus alunos, mas, a falta de tempo, despreparo, falta de incentivo faz com que alguns professores desanimem e caiam na mesmice.

Neste contexto, comprova-se que para ensinar e aprender é, antes de qualquer coisa, ter o gosto e querer compartilhar conhecimentos, para daí despertar o prazer, e o anseio de aprender, fazendo com que os alunos tenham vontade de estar em sala de aula. E fazer a seguinte reflexão, ao priorizar a língua escrita e a norma padrão, perde-se a oportunidade de levar o aluno a compreender a estrutura, o funcionamento e as funções da língua (BORTONI-RICARDO, 2004), assim como de legitimar as formas de uso da língua nas diferentes situações de comunicação.

Assim, o professor estará trabalhando em sala de aula, envolvendo os alunos em práticas pedagógicas onde é direito do aluno conhecer as diversas variações da língua e saber usá-la adequadamente no momento oportuno, como também ser consciente de que elas estão relacionadas a determinados prestígios sociais, e que se deve trabalhar para que essa discriminação linguística acabe. As aulas de gramática consistem numa simples transmissão de conteúdos expostos no livro didático em uso (NEVES, 1999, p. 12, 13).

Vale ressaltar a importância do professor no compromisso pedagógico e político de oportunizar a real aprendizagem da língua. Neste aspecto, Possenti (1996, p.17)



afirma: "(...) O objetivo da escola é ensinar o português padrão, ou talvez mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido. Qualquer outra hipótese é um equívoco político e pedagógico". O professor deve interagir com os alunos, fazendo-os refletir sobre o seu papel na sociedade, sobre a importância da língua em todo e qualquer ambiente em que vive, e sobre o sentido das palavras contextualizadas. Aproveitar a fala, a criatividade e a história do aluno.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Irandé. **Muito Além da Gramática, por um ensino de línguas sem pedras no caminho.** Edição Parábola. São Paulo, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico, O que é como se faz.** Editora Loyola: Revista Nova Escola, maio de 1999.

BAMBERGER, Richard. **Como Incentivar o Hábito de Leitura.** Abril, 1995.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna. A sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2004.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística & educação.** São Paulo: Parábola, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o método Paulo Freire?** Coleção Primeiros Passos, 1980.

CURY, Augusto. **Pais Brilhantes/Professores Fascinantes.** Sextante, 2007.

DACANAL, José Hildebrando. **Linguagem, poder e ensino da língua.** WS Editor: Porto Alegre 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** 32 ed., São Paulo, Cortez, 1996.

GERALDI, João Vanderley (org.). **O texto na sala de aula.** São Paulo, Ática, 1997.

ILARI, R.A **Linguística e o Ensino da Língua Portuguesa.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MORIN, E. **A Cabeça Bem Feita: Repensar a Reforma, Reformar o Pensamento.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.



NETO, Antônio Gil. **A produção de textos na escola**. Edições Loyola. São Paulo, 1996.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática na escola*. São Paulo: Contexto, 1999. 66p
Parâmetros Curriculares Nacionais, 2001.

PASSADORI, Reinaldo. **Comunicação Verbal**, Editora Gente, 2003.

POSSENTI, Sírio. **Por Que (não) Ensinar Gramática na Escola**. Edição Mercado e Letras. São Paulo, 1996.